

## Notas e informações

# Não há alternativa

A Nação acompanha com vivo interesse a ação dos integrantes do assim chamado "Centro Democrático". Hoje, eles terão a oportunidade de mostrar a sua força, de provar que são de fato depositários das esperanças dos que ainda têm fé que será possível ter uma Constituição democrática para o Brasil. São muitas as armadilhas que se abrem em seu caminho. A primeira delas está exposta em frase marota do procônsul, ao chegar de volta à Brasília:

"Não é possível que um regimento atrapalhe a Constituinte. É preciso haver entendimento, e não desejo de uma parte massacrar a outra".

Com estas palavras proferidas com a voz embargada pela conciliação, expondo argumentos que exercitam candura e complacência, o deputado Ulysses Guimarães fez o seu retorno às lides políticas. A imprensa registrou duas preocupações essenciais do multipresidente, após a sua breve convalescência. A primeira foi lembrar que continua disposto a fazer o "supremo sacrifício" de candidatar-se à Presidência, garantindo "estar pronto" para qualquer chamado do partido. A segunda preocupação, bem mais imediata, era a que motivava o semblante manso e a voz de cordeiro do todo-poderoso deputado. Não era para menos, pois hoje os constituintes votarão a proposta do Centro Democrático de alterar o artigo 27 do Regimento Interno da Assembléia Nacional Constituinte. O multipresidente não desconhece o poder de fogo do assim chamado "Centrão".

Recordemos os fatos. Mais de três centenas de constituintes assinaram documento dirigido à presidência da Assembléia, exigindo uma alteração regimental. O que a maioria pretende é o direito de apresentar em plenário emendas aditivas, substitutivas e supressivas ao projeto da Comissão de Sistematização. A maioria era tão expressiva que o procônsul foi levado a esquecer que não se examina matéria vencida, a

esquecer todo o seu poder majestático, e a reconhecer de pronto o direito pleiteado, marcando data para votar a proposta, que sofreu adiamento dada a doença que o acometeu. Hoje, deverá ocorrer a votação com toda a certeza. Por isso, é preciso atenção, porque em verdade tudo dependerá, em termos da ordem institucional do País, da aprovação da proposta do "Centrão". O que a sua aprovação, ou não, definirá é o poder da maioria de impor democraticamente sua vontade. Ou então, haverá a demonstração cabal de que a minoria, usando o contínuo expediente da manobra, tudo pode.

A Nação observa a disputa com interesse, disto tenham certeza os constituintes. O voto que elegeu a Assembléia Nacional Constituinte foi de centro, é democrático por convicções profundas, avesso a radicaismos de qualquer espécie. O projeto da Comissão de Sistematização deu as costas às aspirações da nação brasileira. Assim sendo, o plenário tem o dever de retomar o princípio democrático que é o da maioria e de sua vontade expressa. Não o fazendo — por este ou aquele motivo, por esta ou aquela pressão —, caberá ao plenário, e só a ele, a responsabilidade histórica de votar um texto ilegítimo, porque é o representativo das aspirações populares. Rejeitada a proposta do Centro Democrático — ou reduzida em sua amplitude — faltará à futura Constituição a legitimidade que a faça duradoura.

Ora, se isso acontecer, ter-se-á dado o passo definitivo para a crise institucional. Uma Constituição promulgada contra os interesses da maioria expressa de sua Assembléia aparecerá como insulto à consciência nacional. Por conhecer as consequências do caos institucional que se desenhará no horizonte político, o dr. Ulysses Guimarães apressou-se em "obedecer" ao Centro Democrático. Obedecer? Ou será que dos subterrâneos das minorias barulhentas e conhecidas o procônsul não retirará a for-

ça necessária para urdir a manobra que deformará ostensiva e anunciada vitória do "Centrão"? A maioria ganhará de fato o direito de emendar absurdos ou só receberá o direito de retocar as cores do que é um quadro de formas definidas? São muitas as maneiras de iludir os inocentes, para que tudo pareça o que não é, para que só se conheça a cor dos louros, mas não se os use no pódium das vitórias consumadas, que será ocupado pelos espertos de plantão. Hoje, toda atenção será pouca, porque as atitudes passadas não recomendam grandes esperanças. Acompanhar as manobras de última hora das minorias atuantes é, assim, tarefa urgente.

É preciso que o Centro Democrático desperte de fato para o combate. É preciso um efeito-demonstração de que as minorias podem ser vencidas, especialmente quando se sabe que elas só têm vontades e não votos. O Brasil inteiro, aquele que trabalha e paga impostos, sorrirá agradecido com a vitória do "Centrão"; será a derrota da ideologização, presente em toda a vida socio-política brasileira, a amesquinhar conquistas públicas, a deturpar vontades coletivas.

Não é de mais repetir: o obstáculo maior já foi vencido; a maioria uniu-se em torno de um objetivo comum. Cumpre impedir que a rasteira menor, que o conto da pacificação esconde, produza efeito. A esquerda minoritária e barulhenta, ao lado de quantos desenham em suas pranchetas mentais as mais desmedidas ambições, tentará sem dúvida alguma manobrar a votação e transformar o que é expressão de vontade em desilusão. O perigoso clima de abandono dos sonhos em que a população brasileira vive desperta muitos interesses nos amantes do caos. Neste caso a virtude não está na conciliação. Nesta votação, o "Centrão" não tem alternativa para a vitória, simplesmente a vitória expressará a vontade popular. Ou será outro o primeiro mandamento da democracia?